

Artaban, o quarto rei mago

DEDICADO AO SR. JOÃO BOSCO, EDITOR DESTES JORNAL, E AOS DISTINTOS LEITORES DO JORNAL DE MINAS. DESEJANDO-LHES UM BOM NATAL E UM VENTUROSO ANO DE 2005

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO • PRESIDENTE DO IHG DE SÃO JOÃO DEL-REI

Creio que todos conhecem a história dos três reis magos que saíram do Oriente para Belém, com a finalidade de adorar a Jesus, levando ouro, incenso e mirra. Na minha infância, no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, na Fazenda da Congonha, tive acesso a um antigo livro que descrevia a existência de outro rei mago. Lembro-me bem daquela história, mas não me recordo do nome do autor e nem do título daquela obra. O livro, anos depois, foi furtado da sede da fazenda. Tenho o conhecimento de que foi feito um filme abordando este assunto - O Quarto Sábio - inspirado na história "The Other Wise Man", escrita entre 1920-1930 pelo escritor e poeta Henry Van Dyke. Este artigo foi elaborado a partir de um texto de Van Dyke.

Acho oportuno, nesta época natalina, recontar aquela história (ou "estória"? Se for uma alegoria, é uma bela alegoria!) do quarto rei mago, que também viu a estrela e resolveu segui-la, no desejo de adorar o Menino Jesus. Este mago, além de astrônomo, era médico; era natural da Pérsia, muito rico e o nome dele era Artaban. O palacete onde ele morava era rodeado de belos jardins, árvores de frutas exóticas e flores raras. Era seguidor de Zoroastro (Zoroastrismo é uma antiga religião persa fundada no século VII a.C. por Zoroastro ou Zaratustra, caracterizada pelo dualismo ético, cósmico e teogônico que implica a luta primordial entre dois deuses, representantes do bem e do mal, presentes e atuantes em todos os elementos e esferas do universo, incluindo o âmbito da subjetividade e das relações humanas). Numa noite Artaban se reuniu em conselho com os membros da sua religião e falou-lhes sobre a nova estrela que viu e o seu desejo de segui-la, dizendo-lhes que os amigos Gaspar, Melchior, Baltazar e ele enxergaram uma grande luz brilhante há vários dias e que desejavam sair juntos para Jerusalém, com a finalidade de ver e adorar o Messias. Anunciou que já havia vendido boa parte do seu patrimônio e comprado uma safira, um rubi e uma pérola para oferecer ao Rei.

Convidou a todos para seguirem com ele naquela peregrinação. Mas a dúvida tomou conta de seus amigos, já que o empreitada seria árdua. Artaban, a revelia do descrédito dos seus amigos, preparou o seu melhor cavalo e de madrugada saiu às pressas para no dia marcado encontrar-se com Gaspar, Melchior e Baltazar, que já estavam a caminho. Para conseguir êxito no encontro ele precisava cavalgar noite e dia, sem parar. Já estava escurecendo e ainda faltavam mais ou menos três horas de

viagem para chegar ao local do encontro marcado... Artaban precisava estar lá antes de meia-noite porque os três magos não poderiam ficar na sua espera.

Numa curva da estrada o cavalo de Artaban assustou-se com algo sob o reflexo da lua e o cavaleiro parou. Havia um homem caído; era um pobre homem com a pele seca, amarelada, e que já apresentava o frio da morte. Depois de examiná-lo, Artaban deu-o como morto e voltou-se com o coração triste, pois nada mais haveria de ser feito em benefício daquele homem. Ao levantar-se notou que a mão do moribundo agarrou o seu manto. Surpreso, mostrou-se indeciso, pois o homem estava vivo, mas a sua demora ali poderia acarretar-lhe o desencontro com os amigos que partiriam sem a sua companhia. Era preciso seguir a estrela! E não era oportuno ficar sem ver o Rei só para dar um pouco de água e assistência a um pobre hebreu que já estava nas garras da morte. Mas Artaban, tomado de misericórdia, mudou de idéia, socorreu o hebreu e tratou-o por horas, até que ele se recuperasse, deixando com ele alguns de suas provisões e curativos, para depois partir à procura dos outros magos.

Quando chegou ao lugar combinado não encontrou os seus companheiros. Nem sinal da caravana de camelos. Então, num monte de pedras, ele achou um pergaminho com a seguinte mensagem: "Artaban, não podemos mais te esperar, seguimos ao encontro do Messias. Aguardamos que você nos siga através do deserto". Artaban entrou em desespero! Como poderia atravessar o deserto sem ter o que comer e com um cavalo cansado? Assim, regressou à Babilônia, vendeu a sua safira, comprou camelos e provisões suficientes para a longa viagem.

O mago iniciou a sua jornada pelo deserto e finalmente chegou a Belém, levando o rubi e a pérola para oferecer ao Rei. As ruas daquela vila estavam desertas. Pela porta entreaberta de uma casinha sobre Artaban ouviu a voz de uma mulher cantando suavemente. Entrou e encontrou uma jovem mãe acautelando o seu filhinho. Aquela mulher falou sobre os três magos que ali estiveram, guiados por uma estrela ao lugar onde José de Nazaré, sua esposa Maria e o seu bebê Jesus estavam hospedados. Informou que eles traziam ouro, incenso e mirra para o Menino. Ela disse que eles desapareceram tão rapidamente quanto apareceram. O bebê daquela mulher olhou para o rosto de Artaban, sorriu e estendeu os bracinhos para ele. Subitamente, ouviu-se uma grande comoção nas ruas: correria, gritos de dor, chorar de mulheres, de crianças e o soar de trombetas... Eram os soldados de Herodes que estavam matando as crianças (Herodes I, o Grande, rei da Judéia, conhecido por sua crueldade e falta de escrúpulos; de acordo com o Evangelho segundo São Mateus, ele teria ordenado a matança das crianças de Belém, com o objetivo de eliminar Jesus, recém-nascido). A jovem mãe, aterrorizada, escondeu-se no canto mais

escuro da casa, cobrindo o filho com o seu manto para que ele não chorasse e fosse descoberto pelos soldados. Sentindo a aflição daquela mãe, Artaban colocou-se em frente da porta da casa, impedindo a entrada dos soldados. Um oficial aproximou-se para afastá-lo. O mago, demonstrando calma, fitou o soldado tranqüilamente e disse que estava sozinho naquela casa, esperando pela oportunidade de dar uma jóia àquele que deixasse a residência em paz; mostrou-lhe o rubi brilhando na palma da sua mão. Os olhos do soldado brilharam com o desejo de possuir aquela jóia. Gritou aos seus comandados que não havia criança alguma ali. E Artaban, olhando para o céu, pediu para que perdoassem o seu pecado, já que dissera uma mentira. Desta forma duas das suas dádivas, a safira e o rubi, que haviam sido reservadas para o Menino-Deus, já tinham sido ofertadas aos homens. Artaban já se achava indigno de um dia ver a face do Messias...

Continuando a sua jornada na procura do Rei, ele passou por lugares onde a fome era grande. Estabeleceu morada em cidades onde os enfermos morriam na miséria. Visitou aprimidos nos calabouços e escravos nos mercados... Num mundo cheio de angústia e sofrimento ele não achou ninguém para adorar, mas muitos para ajudar! Ele alimentou os que tinham fome, cuidou dos doentes e confortou os prisioneiros... E os anos passavam... 33 anos. Os cabelos de Artaban, que eram pretos, já tinham embranquecido. Velho, cansado e pronto para morrer, ele ainda era um peregrino à procura do Rei de Israel. Nessa época estava em Jerusalém, onde já havia passado muitas vezes na esperança de achar a Sagrada Família. A população estava reunida na cidade santa, para a festa da Páscoa do Senhor e havia uma estranha agitação. Vendo um grupo de pessoas da sua terra, Artaban perguntou o que se passava e para onde aquele povo se dirigia tão apressadamente. "Vamos para o Gólgota", responderam (um lugar montanhoso, próximo a Jerusalém, onde Jesus Cristo foi crucificado). "Dois ladrões vão ser crucificados e com eles, um homem chamado Jesus de Nazaré, que dizem ter feito coisas maravilhosas entre o povo, mas os sacerdotes exigiram a Sua morte, porque Ele disse ser o Filho de Deus. Pilatos O condenou a ser crucificado hoje porque muitos disseram ser Ele o Rei dos Judeus". Aliviado Artaban achou que era chegada o tempo de oferecer a sua pérola para livrar a Jesus da morte.

Ao seguir a multidão em direção ao Gólgota, um grupo de soldados apareceu arrastando uma jovem moça machucada, aterrorizada e com as roupas rasgadas. Ao ver o mago, num último esforço, a jovem libertou-se dos guardas atirou-se aos pés de Artaban, implorando-o que fizesse piedade dela!... Disse que o seu pai era mercador na Pérsia, conterrâneo dele, mas faleceu em dívidas e que agora iriam vendê-la como escrava, para pagar os seus débitos. Artaban tremeu... Estabeleceu-se um conflito da sua

alma entre a fé, a esperança e o impulso do amor. Já por duas vezes as jóias que trazia foram dadas em benefício de alguém, e agora só lhe restava a última, uma preciosa pérola! E agora? Artaban pressentiu que poderia salvar aquela jovem indefesa e que aquilo seria um gesto de amor... Ele tirou a pérola do seu alforje e colocou-a na mão daquela moça, dizendo-lhe que a jóia era para ser usada como pagamento aos seus algozes. Assim ela fez e foi libertada!

Logo depois o dia transformou-se numa escuridão profunda e um forte tremor de terra abalou aquela cidade; as paredes das casas racharam, os soldados fugiram apavorados. Artaban e a moça protegeram-se debaixo das muralhas da cidade, mas ele foi ferido por uma pedra; repousou-se no chão e deixou a cabeça nos ombros daquela jovem, com o sangue a escorrer do ferimento. Desesperado, vendo a morte aproximar-se, pediu perdão por não poder adorar o Messias e lhe ofertar as presentes que trouxera de tão longe. Por 33 anos ele havia procurado a Jesus, mas nunca viu a face Dele. E então, como por mistério, uma voz suave veio dos céus: "Artaban! Quando vistes alguém enfermo, deste socorro... quando vistes alguém com sede, destes de beber... quando vistes alguém condenado injustamente, destes a liberdade... quando vistes alguém a perigo, oferecestes ajuda! Vos digo que quando fizeste tudo isso a um destes pequeninos meus irmãos, foi também para mim que o fizeste!"

Neste momento uma alegria radiante iluminou a face de Artaban. Um suspiro longo e aliviado saiu dos seus lábios. Aquela longa viagem de 33 anos, assim como a sua vida, terminara. O quarto mago finalmente encontrara o seu Rei!

Os presépios de natal (ainda) não contemplam a imagem do quarto rei mago porque ele sempre chegava atrasado aos lugares onde Jesus poderia estar, já que os pobres e os miseráveis viviam pedindo sua ajuda e ele nunca se negava a ajudar. Depois de 33 anos seguindo os passos de Jesus, o quarto rei mago chegou a Jerusalém, mas já era tarde demais. O Menino Jesus já se transformara em homem e estava sendo crucificado. Artaban, sempre desejoso de levar jóias para ofertar ao Deus-Menino, precisou dispor de todas elas para viajar e ajudar as pessoas que ia encontrando pelo caminho. Acreditava ter falhado na sua missão, sem saber que havia encontrado o verdadeiro Cristo durante toda a sua vida. O Rei que ele procurava estava encarnado em todos os pobres e desgraçados do seu caminho, não estava em nenhum palácio, nem estava entre os ricos e poderosos.

Que neste Natal e em todos os dias do ano de 2005 consigamos descobrir em nós a existência de Artaban, o quarto Rei Mago, aquele que representa o verdadeiro espírito da solidariedade.

Jornal de Minas

São João del-Rei - MG, ano III - Edição 50 - 20 de dezembro de 2004, pág. 2